

Mais de mil famílias sem Bolsa-Escola

Wanderlei Pozzembom

Divisão Regional de Ensino reavalia situação das beneficiadas no Paranoá e corta salário mínimo mensal, motivando muitas reclamações

Cristina Ávila
Da equipe do **Correio**

A cidade pioneira na implantação do programa Bolsa-Escola revoltou-se ao buscar o benefício na agência bancária. Perderam direito à bolsa 1.040 famílias do Paranoá. A divisão regional de ensino local precisou explicar a cada uma os motivos da suspensão do pagamento. No início desta semana, as filas chegaram a mais de 500 pessoas diariamente. As reclamações diminuíram, mas continuam.

Famílias de renda per capita de até meio salário mínimo recebem mensalmente um salário do governo do Distrito Federal, com o compromisso de manter todos os filhos entre 7 e 14 anos na escola. Todos os anos, porém, cada caso é reavaliado. Quem perde o direito do ganho mensal passa a receber um salário mínimo anualmente para cada um dos filhos que freqüentam as salas de aula, até o 2º grau. O programa começou no Paranoá em 1995.

Até abril, 2.704 famílias eram beneficiadas. Entre as excluídas do programa, 170 não foram encontradas pela Secretaria de Educação. Continuam recebendo a bolsa 1.664 famílias.

Ana Lúcia Cubas, diretora da Divisão Regional de Ensino da Paranoá, que funciona no Caic, diz que as famílias podem pedir nova reavaliação. "Pode haver falhas", admite. Ela afirma que em junho haverá outras inscrições.

CRITÉRIOS RIGOROSOS

Ana Cubas frisa que os critérios para a suspensão de pagamento são rigorosos. São feitas visitas às casas para analisar a situação econômica e social das famílias. "Muitas vezes, superaram uma fase de desemprego, ou os pais não apareceram para

dar informações sobre a vida escolar dos filhos. Também acontece de as crianças mudarem-se para outras cidades."

Ela explica que o programa tem controle sobre a freqüência dos alunos. Quem ultrapassa o limite de faltas perde direito ao benefício. "Não é assistencialista. Foi idealizado para criar uma nova mentalidade em relação à escola." Ana Cubas diz que as pessoas são informadas sobre a reavaliação e possibilidade de suspensão dos pagamentos, "mas às vezes falta entendimento".

Algumas sentem-se injustiçadas. Nerci Duarte, 38 anos, chegou ao Caic ontem no horário do almoço. Era uma das primeiras da fila. "Eu não sabia, eles me visitaram, mas não me avisaram que eu não receberia mais", garante. "O governo deveria usar o dinheiro da Bolsa-Escola e criar uma empresa para dar empregos de faxineira, coisas assim. Aí duraria para sempre. A gente não pode contar só com o dinheiro do governo."

Ela conta sua história: "Meu marido não é fichado, trabalha por conta própria, é soldador de fundo de quintal. Tenho problema de gastrite nervosa. Meu filho ia fazer uma cirurgia no nariz, acabou não precisando, mas desde aí adoeci e não pude mais trabalhar. É problema de família. Não posso ficar preocupada que ataca a crise." Nerci acredita que seu benefício foi cortado porque construiu um piso de cerâmica na casa.

Maria de Fátima Santos, 39 anos, fica revoltada. Precisava do dinheiro para comprar 14 livros para a filha Rosângela, 17, que freqüenta a Escola Normal. "Tenho quatro filhos, um é deficiente mental. Ninguém cuida dele, só eu. Tenho problemas de coluna, infecção de garganta e alergia. Não posso trabalhar."



Maria das Neves perdeu o benefício porque uma das filhas foi trabalhar em São Paulo: escola tirou crianças da rua

Estudo em vez de esmola

Maria das Neves Freire, 41 anos, vive em um barraco de apenas uma peça, dividida por trapos, com seis filhos, dois netos e o genro. Até o mês passado, o dinheiro da Bolsa-Escola garantia a comida. Duas crianças de 11 e 12 anos fazem panos de prato para aumentar a renda familiar. Antes, seus filhos pediam esmolas nas ruas do Lago Sul.

A mulher conta que uma das filhas, 18 anos, é viciada em merla. "Ontem chegou aqui e mandei que dormisse na rua, onde vive. Não confio nela, me roubou uma panela de pressão, que comprei fiado, para comprar merla. Me deixa enlouquecida." Maria diz que o exemplo a faz manter os filhos na escola, pois não pedem mais esmolas.

Ela perdeu a Bolsa-Escola que recebe há dois anos. Mas tem chances de recuperar. O pagamento foi suspenso porque Risonide, 15 anos, deixou a escola em dezembro e foi morar em São Paulo. "Está trabalhando em casa de família, mas vai voltar." Se a garota retornar à sala de aula, a Divisão Regional de Ensino do Paranoá garante que paga inclusive o benefício perdido em maio.

O filho mais velho de Maria, Risonaldo, é camelô na Rodoviária do Plano Piloto. "Ontem ganhou R\$ 4. Pagou R\$ 2 de almoço, mais passagem. Não tinha R\$ 1 para eu comprar um pão. Ele paga a luz. Neste mês foi R\$ 34."

A filha casada vive com o dinheiro do marido, que trabalha em uma loja no Plano Piloto. Maria conta a venda dos panos de prato, R\$ 4 cada um. "Faço um por dia", diz Risonaldo, 11 anos, enquanto passa o fio de linha de bordar fazendo listras no pano. Juliana, 12, faz o crochê das bordas. Raiane, 6, também sabe, mas não trabalha. "Tenho preguiça", justifica. (CA)